

CENTRO UNIVERSITÁRIO BENNETT

**A DEMITOLOGIZAÇÃO DAS ESCRITURAS DE
RUDOLF BULTMANN E A REAÇÃO PROTESTANTE**

Trabalho acadêmico apresentado ao Prof. Marco Antônio Oliveira, da disciplina Monografia II, visando a conclusão do Curso de Teologia.

NILO DUARTE DE OLIVEIRA

- Rio de Janeiro, 15-12-2004

Orientador Prof. Levy Bastos

Prof. da Disciplina Marco Antônio de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Aos que comigo iniciaram e terminaram o curso de Teologia, pois sem a preciosa ajuda de todos nós, se tornaria mais difícil chegarmos ao término do curso. Ao meu querido mestre Marco Antonio que nas horas de maior dificuldade me apoiou, incentivou, ou melhor, teve tempo para ouvir as lamúrias incomuns de um estudante de Teologia, pois não encontrei nenhum dos nossos amigos de sala de aula que não tivesse atravessado um mar de tribulações e de apostasia.

Aos mestres de denominação presbiteriana, em especial o Longuinni.

Ao mestre de filosofia Frei William que através de suas aulas de filosofia da Religião nos proporcionou uma ampla abertura a nossa religiosidade.

A minha mulher e companheira Maria Lúcia pelas horas que soube concatenar a sua religiosidade nos conflitantes momentos do meu pensar teológico.

A minha amiga motociclista Iara Nassaralla, sem os seus conhecimentos de informática, seria impossível realizar este trabalho.

A minha mãe! Que Deus lhe abençoe!

Aos que me viam como pedra de tropeço, pois me serviram de alerta.

SUMÁRIO

I.	Introdução	07
II.	Capítulo I: Bultmann: biografia, teólogos existencialistas e a tarefa do processo de demitologização	11
	1- Biografia	11
	1.1- Karl Barth	17
	1.2- Emil Brunner	19
	1.3- Paul Tillich	20
	2- A tarefa do processo da demitologização	22
III.	Capítulo II 1 - A reação protestante	25
	1.1 Hernan N.Ridderbos	25
	1.2 Willian E. Hordern	26
	1.3 Bapttista Mondin	28
	1.4 Vernon C. Grounds	30
	1.5 Carl Henry	33
	1.6 Alan Richardson	34
	1.7 Os Radicais de Mainz	36
IV.	Capítulo III – A Crítica de Karl Jasper e a Réplica de Rudolf Bultmann	39

1- Crítica de Karl Jasper	39
2- Réplica de Rudolf Bultmann	44
V. Conclusão	49
VI. Bibliografia	54

INTRODUÇÃO

O que é a demitologização que Bultmann propõe? Em seu questionamento sobre as escrituras, há a necessidade e um objetivo claro de extrair todo o elemento mitológico, que segundo ele, encobre o entendimento das sagradas escrituras para o homem moderno. Vê na demitologização, um instrumental importante para a atualização da mensagem bíblica aos destinatários do tempo de Jesus tornar-se compatível para com o mundo tecnológico e científico que vivemos hoje. A mensagem Bíblica também tem como destinatário o homem e mulher da sociedade de hoje, transcende a sua época, não está presa ao passado, nem é somente um referencial de tempos idos que nada nos tem a dizer no kronos deste século, mas precisa chegar até nós com o entendimento da nossa linguagem atual. O homem/mulher moderno, embora seja um ser que viva em uma sociedade de muitos símbolos e sinais, precisa decodificar o significado desta vasta simbologia. Carece de um tradutor ,ou seja, necessita de uma ferramenta que atualize a linguagem mitológica das Sagradas Escrituras, vigentes à época, para o código de linguagem e a cultura dos nossos dias. O uso do processo da demitologização das Escrituras elucidada, esclarece e traz nitidez ao leitor, segundo Bultmann, o que realmente a mensagem bíblica quer nos dizer hoje em dia. Pois para o homem/mulher secularizado os elementos mitológicos das escrituras, fruto de uma cultura passada há quase dois mil e quinhentos anos não fazem nenhum sentido. Devem ser

extraídos, sem a perda do conteúdo original, pois sem uma decodificação e uma atualização do sentido, a mensagem não nos diz o porquê, ou pior ainda, pode levar a uma interpretação dúbia e incompreensível.

Devo esclarecer que, para meu devido entendimento, ousei escolher este tema “demitologização das sagradas escrituras por Bultmann e a reação protestante”, como um alabastro derramado por Maria Madalena aos pés de Jesus, para o seu sepulcro. Pois foi de imediata aceitação aos meus ouvidos e visão religiosa a que tenho entendido e pregado o evangelho de Cristo. Assim como foi tirado o véu e descortinada a ignorância; o argueiro tirado dos olhos e como árvores não mais vejo os homens, mas como a humanidade a é, friamente, sem os “mitos que cobrem a “veritas.

Os modismos e deturpações que a simbologia mítica produz sem a demitologização, nos saltam e assaltam, por uma onda de busca desenfreada do povo, em busca de amparo em qualquer imagem morta. Não sentem, tendo nariz, não cheiram,

tendo ouvidos, não ouvem, e tendo olhos não vêem.

Vale destacar que os excessos da teologia liberal provocaram a reação do mais conservadores da Igreja, os quais viam na postura liberal, um desleixo e superposição do homem, em detrimento da santa doutrina dos pais apostólicos, perdendo assim o controle sobre a Igreja e colocando de lado a tradição.* Surge então a neo-ortodoxia na Europa como forte reação aos liberais. Nos Estados Unidos da América sua roupagem desembarca através de ricos texanos conservadores que prontamente se intitularam como apologetas da tradição Bíblica. Surgem os fundamentalistas. Em oposição a teologia liberal, produziram o engessamento das Escrituras, tendo como efeito colateral o fortalecimento dos pentecostais e evangélicos e a divulgação de suas práticas, e assim mais uma vez, fincam o pé no atraso para a sociedade moderna.

A leitura literal das Escrituras sem o seu devido processo de atualização é comprovadamente desastrosa.

Embora o processo de demitologização possa parecer mais uma ferramenta anacrônica da teologia liberal, com certeza interessa àqueles que buscam uma religiosidade mais consistente ao seu entendimento do que a falsos profetas e seus sinais(eletrônicos talvez).

Ajudar o povo e a pastores a compreender qual o real sentido que a palavra escrita e o corpo central das Sagradas Escrituras nos dizem e ensinam é fundamental. Confirmar o dinamismo e a transcendência do Evangelho. Procurar ter no processo de demitologização um escudo contra a má fé dos vendilhões e mercadejadores da palavra de Deus. A leitura literal das Escrituras sem uma atualização é comprovadamente desastrosa.

* (as vezes é preciso amordaçá-la)

A demitologização procura atualizar a mensagem bíblica de não perder o seu sentido original. É uma tarefa, que requer uma hermenêutica adaptada com lentes focadas no pensamento e vivência do século XXI.

Entender a teologia de Bultmann passa por compreender seu programa de demitologização do Novo Testamento. Assim, esta controversa teologia bultmanniana é anunciada no primeiro e central artigo de sua obra: Novo Testamento e mitologia. . A forma de enxergar o Universo é mítica ,tudo pode ser explicado a partir dos conflitos entre as forças cósmicas do bem e do mal. Quem escreve o Novo Testamento , a fim de se fazer inteligível , faz uso de sua concepção peculiar do Universo e assim anuncia o acontecimento salvífico.

Bultmann apresenta o conceito de *sacrificium intellectus*: o esforço do homem de hoje para aceitar a concepção mítica neotestamentária

Seguindo seus conceitos exegéticos, Rudolf Bultmann tenta eliminar os pressupostos culturais do Novo Testamento a fim de obter a mensagem salvífica de forma inteligível ao homem moderno. Esta tarefa de releitura existencial do texto bíblico é apresentada como o programa de demitologização.

CAPÍTULO I

BULTMANN: BIOGRAFIA, TEÓLOGOS EXISTENCIALISTAS E A TAREFA DO PROCESSO DE DEMITOLOGIZAÇÃO

Neste capítulo, será apresentado a biografia de Bultmann , alguns teólogos existencialistas e a tarefa do processo de demitologização.

1. - Biografia

Nascido em 20 de Agosto de 1884 na cidade de Wiefelstede (como era conhecida à época) o grão duque de Oldenburg. Seu pai Arthur Bultmann, pastor evangélico luterano, seu avô paterno, missionário na África, e seu avô materno, pastor de tradição pietista. Rudolf, jovem ainda, cresceu no meio de uma família de linha teológica intensa e de muito peso no seu tempo. Sua família foi gradualmente se transferindo para o protestantismo liberal, especialmente por parte de seu pai, que acabou sendo um grande impacto no seu fazer e ser teológico.

A educação de Rudolf Bultmann teve seu início no ginásio humanístico de Oldenburg; incidentalmente ele estudou concorrentemente com o filósofo a ser Karl Jasper, o qual estava poucos anos a frente do jovem Bultmann. Seguindo sua graduação, estudou teologia na universidade de Tübingen, Berlim e Marburg respectivamente. Importante notar que todas estas três instituições eram de posturas inclinadas à teologia liberal. Sua grande influência veio de Marburg, incluindo o teólogo sistemático e liberal Wilhelm Hermann, o estudante de novo testamento Johannes Weiss e Wilhelm Heitmüller da escola história da religião. Todos estes quatro influenciaram na teologia de Bultmann, cada um ao seu modo.

Bultmann recebeu seu doutorado em 1910 em Marburg, dois anos depois, qualificado como instrutor(*alma mater*). Em 1916, aceito como assistente de professorado em Breslau, onde casou e teve duas filhas. Quatro anos depois foi para Giessen para o seu primeiro professorado integral. Depois de apenas um ano, ele retorna a Marburg aonde completa seu último professorado integral e sucedendo Heitmüller na cadeira de novo testamento. Bultmann entre seus colegas encontra lá Rudolph Otto (que sucedeu Hermann) e Martin Heidegger (que estava em Marburg de 1922 à 1928). Bultmann, um dos expoentes da teologia do século XX, foi fortemente influenciado pelo pensamento de Heidegger, especialmente da obra Ser e Tempo. A partir da análise da leitura que Bultmann faz de Heidegger e de seu pensamento para a construção do pensamento teológico é possível compará-la com a influência do existencialismo no pensamento de Tillich. No entanto, este último aspecto foge ao escopo do presente trabalho. Nele, vamos nos concentrar na leitura e apropriação feita por Bultmann.

Em geral, esses pensadores apropriam-se da filosofia com intenções apologéticas. Desde Justino, o mártir, vários pensadores cristãos têm entrado em diálogo com a filosofia.

Bultmann está inserido nessa linha de interpretação. Sua teologia representa persistente esforço para tornar a pessoa de Jesus relevante e contextualizada aos contemporâneos, chamados por ele de “homem moderno”. Bultmann encontra no existencialismo de Heidegger consistente referencial teórico para o desenvolvimento de seu projeto teológico.

¹“Porque há simplesmente o ente e não antes o nada? eis a questão. Certamente na se trata de uma questão qualquer. Essa é evidente, é a primeira de todas as questões.”

E adicionando o fato de que ambos Karl Barth e Friedrich Gogarten lecionavam em Marburg.

É importante notar que alicerçando sua dissertação e uma miríade de revisões de livros teológicos, Bultmann falhou na publicação de qualquer trabalho teológico significativo até meados dos anos vinte. Walter Schmithals aponta este fato devido Bultman andar insatisfeito com a teologia liberal provocando assim, um déficit para teologia do seu tempo ausentando-se com sua contribuição. Mas ainda ele não tinha desenvolvido uma posição suficientemente independente com a qual poderia criticar a teologia de seus mestres. Este pressuposto se da pelo fato que Bultmann se incluía no campo da teologia liberal, quatro anos depois no advento de suas imensas publicações, Bultman se encontrava entre os críticos do protestantismo liberal e além dele.*(*Matt McLaughlin, Rob Smid, MWT II*. Primavera de 1999).

No texto derivado de Roger Johnson (1999). “Deus como um todo outro” É significativo que a posição de Heitmüller em Marburg tenha sido sucedida por Bultmann. Seu movimento ao longo de teólogos tais quais Emil Brunner, Karl Barth e Friedrich Gobarten para a teologia dialética significou que a abordagem liberal da história da religião era precisamente o método que Bultmann seguiria. Bultmann não mais trataria o cristianismo

¹ Heidegger, M. Introdução a Metafísica I

como uma simples religião entre muitas que estão em desenvolvimento, na maneira que foi treinado para isto. Ao invés, ele reforçaria a fé Cristã de um modo autêntico, ²“por uma fé, clamada pela fé”.

Bultmann descreve estes movimentos. A Teologia liberal tem substituído a humanidade por Deus. As premissas da teologia liberal são que Deus pode ser encontrado de algum modo por algumas instropecções humanas. Enquanto este movimento certamente figura em um compasso de diverso e larga abordagem, cada abordagem tem focado em algo que a humanidade pode fazer, propondo conhecer Deus. O conhecimento é a denúncia do progresso humano pelo qual a liberdade humana e o plano de Deus para o mundo é atualizada. Resumindo, chegar ao uso de termos para com, Deus é puramente um capricho humano, uma justificação (humana) do seu trabalho.

A objeção de Bultmann e também de Barth, Brunner, Gobarten e do movimento dialético, é que o acesso à Deus pela teologia liberal não é Deus, e simplesmente uma humanidade divinizada, que isto é o caso que pode ser visto no conflito e no relativo resultado do projeto liberal. Por exemplo, a pesquisa pelo Jesus histórico a qual proveria a fundação para fé, trouxe mais conflito e divergência do que o proposto. Um estabelece uma verdade outro uma verdade contraditória, cada um na comparação de mesma base(ou ainda numa base não verdadeira Bultmann assim diria). Esses repetidos fracassos são o que levou Bultamnn os dialéticos a concluírem que Deus não é um objeto que possa ser conhecido. Se Deus permite ser tocado pelos teólogos liberais e porque Deus não esta lá para ser objetivado pela humanidade. Estatutariamente, Deus não é uma entidade dada para ser objetivada por proposições humanas. Ao invés, DEUS COMO TODO OUTRO.

² - Roger Johnson (1999)

Este termo *WHOLLY OTHER*. (Deus como todo outro) primeiramente usado por Rudolf Otto foi rapidamente adotado por Bultmann. Enquanto esta noção desse termo possuía vários significados nos seus primeiros escritos, por volta de 1925 tornou-se de um dos fundamentos de doutrina na sua teologia. Esta noção para Bultmann não era uma categoria metafísica (como era para Otto), mas uma categoria relacional. Isto é, Deus é um todo outro por causa do homem/mulher, que no seu pecado é incapaz de se relacionar com Deus. Bultmann escreve:

³ O Estatuto de Deus não obstante a mim, determina a minha existência O "Todo Outro" somente pode ter significado, como "Todo Outro" quando confronta-me como pecador. Além mais, enquanto sou mundano, ele me confronta como "Todo Outro. " Para falar de Deus como "Todo Outro" só tem significado quando tenho entendido que a situação atual do homem é a situação de pecador e quer falar de Deus e não consegue, o qual quer falar da sua própria existência, também não o consegue; ele deve falar disto como pecador, como uma existência determinada por Deus; mas ele somente consegue falar sobre isto, como pecador, como uma existência tal, que ele não consegue ver Deus nela, uma existência a qual Deus o confronta como "Todo Outro".

Bultmann afirma que Deus se revela a si mesmo pelos seus próprios termos e não por termos humanos. Isto leva ao encontro com Deus pela justificação pela fé e não por obras. Esta é uma revelação estonteante no entendimento humano e é um dos erros dos teólogos liberais em querer removê-lo. Não que com isso, Bultmann e os teólogos dialéticos, tenham se rendido completamente ao fato que Deus é inacessível aos homens de qualquer jeito. Deus tem que ser acessível a humanidade em ordem para que tenha relevância para a vida humana; pois se não fosse o termo, "teólogo liberal" tornaria-se ele mesmo oximorônico.

Embora confundido como um teólogo liberal, longe disto Bultmann está entre os protagonistas da teologia dialética ao lado de Karl Barth, e outros na Alemanha depois da

³ Tradução livre Nilo Duarte
http://people.bu.edu/wildman/WeirsWildWeb/courses/mwt/dictionary/mwt_themes...19/10/2004

primeira guerra. Este movimento tem início com a CARTA AOS ROMANOS DE BARTH, e por ele foi acompanhado, mas Bultmann se afastou logo depois. Este era o quadro predominante na Europa protestante do século XIX dominado pela teologia liberal que foi perdendo espaço. A teologia dialética distanciava-se da teologia liberal a qual era enfática nos conceitos de ciência. O liberalismo aprisionou a teologia a pesquisa científica, a busca do Jesus histórico se tornou uma obsessão.

Vivemos numa época onde o homem não se preocupa em olhar para a história, a ansiedade leva a humanidade a ter olhos somente para o futuro, porém não se pode construir o futuro se não tivermos o passado como base; o mesmo acontece com a teologia, por isso vamos citar alguns teólogos contemporâneos.

⁴ “A vida só pode ser compreendida,
olhando -se para trás; mas só pode
ser vivida, olhando-se para a frente.”

1.1 - Karl Barth.

Nasceu em 1886, em Basel, na Suíça. Era um teólogo reformado, porém também era pastor. Em 1911 pastoreou em Safenwyl. Em 1921 foi professor de teologia reformada em Goettingen, em 1925 foi professor *em Muenster-in-Westphalia* e em 1930 foi professor em Bonn.

⁴ (Soren Kierkegaard)

Em 1935 os nazistas o exilaram, e então ele foi professor em Basel até 1968, ano de seu falecimento.

Ele foi aluno de Harnack, e foi influenciado pelo neokantianismo e por Kierkegaard e também pelo socialismo de Ragaz e Kutter. Quando a teologia liberal estava no auge, ele se rebelou contra seus professores e em 1919 escreveu seu comentário sobre o livro de Romanos, onde praticamente começou a surgir uma nova ortodoxia. Teve influência do reformador Calvino, principalmente por volta de 1925. Enfatizava a teologia bíblica, porém com conclusões racionais. Era um homem de caráter forte e de propósitos e entrou em conflito contra a igreja do estado nazista. Muitos acham que Karl Barth era liberal, mas na realidade ele não gostava do liberalismo religioso e até se manifestava contra. Ele tinha o desejo de retornar a teologia à bíblia e aos princípios reformados. Enfatizou a transcendência de Deus e a realidade do pecado, como também a soberania de Deus, a graça e a revelação. Reconhecia que as escrituras têm imperfeições, mas que a bíblia é a fonte da revelação de Deus como também veículo. Rejeitava o misticismo cristão, e dizia que os liberais falharam, sendo a solução para o mundo o retorno aos antigos princípios religiosos. Barth foi treinado no liberalismo alemão, talvez isso o fez desapontar-se com o nazismo. Ele foi um grande expoente da teologia da crise, pregando que a Palavra de Deus é o registro da revelação do Transcendente. Sua teologia propriamente dita é interessante, pois ele achava que as idéias humanas sobre Deus eram meras especulações. A verdade se manifesta pela graça e não pela razão como era defendido por muitos na época. Dizia que a religião tem tendências idólatras, ou seja, revelação era diferente de religião. As experiências místicas devem ser apoiadas nas escrituras e na tradição cristã. O ponto de partido da teologia de Barth era Deus e não o homem, sendo assim aceitava a cristologia clássica e o dogma da trindade, ou seja, suas análises teológicas partiam de cima, da trindade, da revelação,

da graça, e não das necessidades do homem. Suas principais obras foram: *Epistle to the Romans*, 1919; *Word of God and Word of Man*, 1928; *Anselm*, 1931; *Church Dogmatics*, 4 volumes, 1923-1935; *Credo*, 1935; *Dogmatics in Outline*, 1947; *Evangelical Theology, an Introduction*, 1962.

1.2. Emil Brunner.

Nasceu em 1899 e morreu em 1966. Foi um teólogo protestante suíço, sendo que sua formação acadêmica foi em Berlim e Zurique. Foi professor também em Zurique. Brunner não se encaixava no liberalismo protestante e também não se encaixava totalmente na neo-ortodoxia e teologia da crise, ficando assim num estágio “transitório” entre as duas correntes. Defendia que o livre arbítrio é uma verdade soteriológica, porém não é o homem que provê a si próprio a salvação, ou seja, a salvação é dada por Deus, mas o homem possui características naturais para corresponder a Deus, isso em nível soteriológico. Ele, assim como Barth, rejeitou o misticismo cristão, porém afirmava que a razão não pode solucionar todos os problemas da vida, idéia que vai (bate) de encontro a muitos filósofos racionalistas.

Afirmava também que há no mundo muitos mistérios e que a teologia não têm o poder de resolver todas as questões, por isso ela possui tantas contradições e seria presunção dela querer resolver esses mistérios. Abordou algo importante para a sociologia ao dizer que a política e a tecnologia podem despersonalizar o homem, e é nesse ponto que entra a teologia, pregando que a revelação cristã visa o homem. Brunner afirmava que a revelação não é proposicional, ou seja, a bíblia é simplesmente o registro da revelação de Deus aos homens e não foi ditado por Deus no

processo de escrituração. Brunner era um homem que não discutia tópicos que diziam respeito a milagres ou nascimento virginal, mas seu conceito de espiritualidade era mais em nível de práxis e não de experiências místicas. Sua teologia era formada tendo Cristo como centro de qualquer idéia, assim sendo opôs-se ao intelectualismo teológico. A ética era um assunto a ser vivido no cotidiano, ou seja, combinava a crítica de Kant com o realismo do luteranismo. Apoiou idéias de filósofos como Ebner e Buber que enfatizavam a relação entre o homem e Deus. Apesar de defender o livre arbítrio indiretamente, dizia que o homem é pecador e sempre se revoltará contra Deus, porém se o homem reagir a essa revolta, ele terá o auxílio do Espírito Santo que o tornará uma “nova criatura”. Um dos pontos mais interessante de sua teologia é que ele ensinava que a vontade de Deus se manifesta através da família, do trabalho, da igreja, da cultura, do estado..., sendo assim o relacionamento com a sociedade nos ajuda a identificar como a vontade de Deus opera. Suas obras foram: *The Symbolical in Religious Knowledge*; *The Mystic and The Word*; *The Philosophy of Religion of Evangelical Theology*; *The Mediator*; *The Divine Imperative*; *Man in Revolt*; *Christianity and Civilization*.

1.3. Paul Tillich.

Suas datas foram de 1886-1965. Nasceu na Alemanha, mas viveu boa parte de sua vida nos Estados Unidos, onde foi professor no Seminário Teológico União, em Harvard e na Universidade de Chicago. Foi um teólogo-filósofo e representante do existencialismo religioso. Tillich abordava questões humanas com a teologia e as correlacionava até com a economia, as ciências e outros campos de estudo. Usava também a história para construir teologia. Ensinava que a teologia deve unir-se ao empreendimento humano, pois isso a completa e a livra de erros já cometidos na história. É portanto necessário que a teologia correlacione com a política, a ciência, a sociologia, a ética, a

antropologia e etc. . Devido sua visão existencialista, dizia que a teologia sistemática deve ter também caráter apologético, analisando a situação do homem em geral, trazendo uma aplicação do evangelho. Usava muita linguagem simbólica, pois cria que o símbolo pode ter mais resultado que a mensagem direta. Os símbolos apontam para a realidade, mas a realidade não resolve os mistérios da vida. Nossos conhecimentos são sempre fragmentados e nunca trará a nós uma resposta de todos os mistérios da vida. Questões como "céu e inferno" não podem ser literalmente interpretados, pois essas questões apontam para uma realidade mais concreta. Para Tillich, fé é a coragem de existir, essa é uma definição bem existencialista, e redenção é o homem ser um novo ser. A explicação tillichiana de Deus está no campo do existencialismo, pois afirma que Deus é o ser em si mesmo, sendo a resposta para o homem e para a história. Deus também, ao ser o ser em si mesmo, ele passa a ser o fundamento infinito e inesgotável da história. O homem vive alienado, sendo o pecado uma alienação, e sendo a resposta ou solução para essa alienação existencial o Novo Ser em Cristo. Esse teólogo não via a filosofia como inimiga da teologia, pelo contrário, Tillich não é somente um teólogo ou filósofo, mas é um teólogo-filósofo, isso é claramente percebido em suas obras; em seu livro intitulado "Perspectivas Da Teologia Protestante Nos Séculos XIX e XX", o casamento entre o discurso teológico e a visão filosófica faz dessa obra um livro rico em conhecimento e que aguça no leitor um desejo de conhecer mais. Apesar de Tillich falar muito sobre os símbolos e as linguagens antropomórficas, ele também dizia sobre a morte dos símbolos, ou seja, de acordo que nosso conhecimento cresce e amplia, os símbolos vão perdendo força e a realidade se aproxima mais de nossas concepções. Tillich era um pouco cético em relação às definições de Deus, pois cria que o homem nunca terá a definição verdadeira de Deus, o máximo que pode acontecer é termos uma definição expansiva, mas não completa. Suas obras principais foram: *The courage to be*, *The*

protestant era, Dynamics of faith, A history of Christian thought, Perspectives on 19th and 20th century protestant theology, Systematic theology .

É claro que o pensamento desses teólogos vai muito além desse trabalho, mas é bom notarmos algumas coisas importantes: muitas pessoas criticam os teólogos contemporâneos chamando-os de “liberais”, “incrédulos”, etc., principalmente no meio fundamentalista, mas isso acontece, talvez, por três motivos: primeiro, eles são mal compreendidos, muitos de seus livros são de difícil compreensão, portanto muitos não entendem suas mensagens e idéias; segundo, os teólogos contemporâneos não ficaram presos ao sistema e a paradigmas ou padrões como acontece no meio fundamentalista, ou seja, esses teólogos não desprezavam a teologia, a filosofia, a sociologia, nem a política, foram teólogos que não ficaram preso ao sacro e religioso; terceiro, alguns de seus pensamentos foram de encontro a todos os ramos teológicos e filosóficos da época, qualquer teólogo contemporâneo que você ler, notará ataques à concepção ética da época, ou ataques tanto ao liberalismo como ao fundamentalismo e assim por diante, esses teólogos marcaram suas épocas com novas idéias. E Bultmann foi o maior expoente da teologia do século XX.

2 - A Tarefa do Processo de Demitologização

O processo de demitologização de Bultmann passa os olhos em um ethos de uma civilização impregnada de mitos e de vários elementos sincréticos o qual Israel estava inserido naquela época. O próprio elemento mitológico contido na formação do povo Hebreu, ou seja, o fato de ter sido sempre um povo peregrino e continuamente envolto com culturas de outros povos, seja na forma de dominador ou dominado, foram fatores que auxiliaram a absorção e proliferação de mitos na formação deste povo. Os mitos são sempre narrativas, onde seres sobre naturais agem e interferem

no mundo do homem natural e exercem influencia sobre seu agir e pensar; demônios, anjos tem vasto espaço neste universo de lutas entre homens e seus temores. E são estes mitos que incomodaram Rudolf Bultmann. Entende que, o mito que está nitidamente envolto no texto das sagradas escrituras, desenvolve uma película, a qual proporciona uma visão não muito cristalina. A visão do leitor moderno fica embaçada e por causa desta nevoa envolta nos textos sagrados, entende que a concepção mitológica dos textos sagrados precisa ser extraída, e para isto uma hermenêutica deveria ser usada, pois os termos usados nos textos sagrados referem-se a uma determinada época e sua semântica não nos é compreensível sem uma decodificação, ou melhor, sem uma demitologização. Demitologizar, quer dizer extrair o mito e não eliminá-lo como os teólogos liberais entendiam, pois falavam em desmitologização que é a extração e eliminação do mito. É praticamente impossível para o homem/mulher moderno aceitar a forma do universo entendido em três partes distintas. A terra no meio, abaixo o inferno e acima o céu. Esta concepção é mitológica e inteligível. Podemos concluir esse capítulo com duas citações de Bultmann .

⁵”Uma aceitação cega da mitologia neotestamentária seria arbitrariedade. E estabelecer tal exigência como um a exigência da fé significaria degradar a fé de uma obra ...o comprimento da exigência seria um sacrificium intellectus.”

“O verdadeiro sentido do mito não é proporcionar uma concepção objetiva do universo. Ao contrário, nele se expressa como ser humano se compreende em seu mundo. O mito não pretende ser interpretado cosmologicamente, mas antropologicamente — melhor: de modo existencialista”

⁵ DEMITOLOGIZAÇÃO Coletânea de Ensaio – Bultmann, Rudolf

CAPÍTULO II

A REAÇÃO PROTESTANTE

Neste capítulo comentaremos a crítica de alguns teólogos sobre o processo de demitologização das escrituras sagradas de Rodolf Bultmann.

1- REAÇÃO PROTESTANTE

1.1 - Hernan N. Ridderbos

Segundo Hernan N. Ridderbos (1956) Bultmann faz vasto uso do método da história das religiões, mostrando a existência de relações entre o Novo Testamento e as religiões não cristãs.

Para Bultmann o que contava não era a pessoa de Jesus, e sim a sua pregação. A pregação de Jesus (kerigma) era a forma como podíamos chegar a um evangelho original.

Devemos levar em conta que para Bultmann essa pregação só podia ser reconstituída a partir da tradição da igreja primitiva. Esse é o ponto inicial da crítica, pois a partir daí, buscar-se-á a forma que originou tal pregação; para isso Bultmann recorre a tradição da igreja primitiva, que antecede os relatos históricos que encontramos nos evangelhos sinóticos. Por isso Bultmann nos diz que é “a partir do kerigma da comunidade primitiva, por tanto, que começa a reflexão teológica, que começa a teologia do N.T. propriamente dita, esse método de investigação é chamado crítico-histórico-formal. Sérias críticas tem sido feitas à crítica da forma e a Bultmann uma das principais, é que o seu “radicalismo crítico e o exagerado ceticismo com respeito a autenticidade histórica e da tradição sobre Jesus, é o que tem feito com que, principalmente a história das formas, tenha caído em descrédito”.

A concepção de Bultmann é uma tentativa de efetuar uma síntese da fé cristã e da filosofia da imanência.

Na filosofia existencialista considera a auto-rendição ao alcance do homem.

O homem é levado a decisão e liberdade somente pelos apelos de Deus. Neste ponto que Bultmann funde a fé cristã ao existencialismo, e na medida em que alguém tiver tal concepção como cristã, vai achar a base aí para ela.

É um enigma, a divina revelação apresentada no Novo e Velho Evangelho “por meio D’Ele e para Ele”, onde atribui a Deus o poder necessário para fazer que o homem seja homem. O mito do homem e sua existência, arvorados em padrão e alvo do que há na terra e no céu.

1.2 - Willian E. Hordern

Na visão de Willian E. Hordern (1974) Rodolf Bultmann era um conservador radical, sua teologia está intimamente relacionada com sua erudição histórica., foi um dos eruditos do Novo Testamento que tomou a dianteira no desenvolvimento do que se conhece como “ crítica da forma” , onde a forma parte da suposição da existência de leis que determinam o desenvolvimento das tradições oralmente transmitidas.

Uma crítica da forma consiste em analisar-se a comunidade que tenha preservado, contato e escrito as formas como chegaram até os nossos dias. Os críticos expressam receio de que ele tenha tornado o cristianismo algo simplesmente subjetivo. Questionamentos tais como, seria possível assegurarmo-nos de que a fé que temos, não passa de um pensamento que coincide com os desejos que acalentamos?

A resposta oferecida por Bultmann vem a ser que não podemos garantir que quando dizemos “saber”, temos presente no raciocínio a maneira desse saber. Autenticidade consiste, na segurança depositada na fé. A fé implica em que o crente se expõe a riscos.

Os liberais, na verdade, perderam de vista a fé neotestamentária de que, em Cristo, Deus agiu apontando, a salvação do homem.

Os mitos exarados no Novo Testamento deverão então ser considerados de modo existencial, temos que compreender a própria existência que os escritores do Novo Testamento desejaram patentear através dos mitos.

O termo demitologização não presta para descrever o propósito que Bultmann colimou. O termo que sugere Willian E. Hordern (1974) é que Bultmann estivesse desejoso de safar-se dos mitos. Entretanto seu objetivo era de interpretar os mitos em termos de existência humana.

Bultmann é uma figura de relevo entre os teólogos da ala radical, pois se recusa a proteger o Novo Testamento de dúvidas e dispõe-se notoriamente a concordar com os que entenderam que boa parte da linguagem do Novo Testamento é mítica.

Bultmann pelo menos, verifica-se que as tendências do pensamento teológico radical ficam bem à vontade em face da fé entendida do ponto de vista conservador.

1.3 – Baptista Mondin

Em “Os Grandes Teólogos do Século Vinte” Baptista Mondin (1926) , cita que nos primeiro quartel deste século, registrou-se uma reviravolta na teologia protestante por obra da Escola Dialética, subvertendo os princípios da teologia liberal, liquidou o racionalismo, o imanentismo e o humanismo e substituiu-os pelo princípio da infinita diferença qualitativa que distancia Deus do homem e homem de Deus.

Rodolf Bultemann; no passado já era e é ainda mais no presente uma das figuras mais significativas da teologia do século XX. Ele sacudiu o mundo teológico duas vezes. A primeira vez introduziu na exegese bíblica, então, conduzida segundo os princípios da crítica histórica liberal, o método histórico-morfológico. A segunda quando inventou a teoria da demitização.

Sua teologia, além de novo método hermenêutico e da demitologização, caracteriza-se pela utilização da filosofia existencialista. Devemos levar em consideração três aspectos: método, filosofia e demitização..

Bultmann assevera com a insistência que uma das funções essenciais da teologia, de cada época, é compreender o *Kerygma* e traduzí-lo, tornando-o cada vez atual para quem o escuta. É preciso interpretá-lo e reexprimí-lo através das categorias mentais que reflitam a auto compreensão que hoje o homem tem de si mesmo. Segundo Bultemann para fazê-lo deve valer-

se da história, hermenêutica que ajudarão a descobrir o núcleo central da mensagem cristã e da filosofia que lhe permitirá exprimí-lo de maneira eficaz e inteligível para o homem moderno.

A Teologia Dialética foi o protesto contra a pretensão da teoria liberal chegar ao objeto da fé somente através da investigação histórica

A abordagem existencial é o primeiro princípio da filosofia bultmanniana da história . O que interessa na história, são as obras e não os personagens. A obra representa um produto final das perspectivas no qual trabalharam os personagens. E é nessa perspectiva que eles se constituem um objeto da pesquisa histórica.

O outro princípio diz respeito a dificuldade de alcançar resultados seguros através da investigação histórica. Do método-crítico, Bultman aprendeu a lição que são muito poucas as verdades indiscutíveis na história.

Ao término da apresentação do pensamento de Bultmann sobre a história ele incorre numa grave contradição, quando sustenta que a Revelação cristã tem caráter histórico e nega que haja nela, algo que possa ser investigado mediante as técnicas do método histórico. Como se pode falar de acontecimento dotado de caráter histórico e, ao mesmo tempo, subtraí-lo à investigação histórica?

A Hermenêutica revela melhor do que qualquer outro os três grandes momentos do desenvolvimento do pensamento teológico de Bultmann. Na passagem da teologia liberal para a teologia dialética, temos a elaboração de um novo método exegético, o método histórico-morfológico. E na passagem da teologia dialética para teologia existencialista, o reconhecimento da necessidade de uma “pré-compreensão” do texto por parte do crítico. E temos a demitização como uma nova e mais radical formulação das funções da hermenêutica.

Quando examinamos o pensamento de Bultmann sobre a história e a hermenêutica, não pode prescindir da filosofia. por exemplo a filosofia da existência que pode oferecer representações apropriadas para a interpretação da Bíblia, porque esta se interessa pela compreensão da existência.

A operação de demitização bultmanniana baseia-se na tese de que todo o embasamento histórico e sobrenatural faça parte da forma e não do conteúdo da Revelação, na medida em que seria fruto da visão científica e filosófica dos primeiros cristãos. Tal tese está em aberto conflito com o claro testemunho dos autores sacros.

1.4 – Vernon C. Grounds

Em seu livro Teologia Contemporânea, Stanley Gundry delega a Vernon C. Grounds (1969-1971) um capítulo sobre Os Precusores da Teologia Radical dos Anos 60 e 70, o qual menciona Bultmann como um possante influenciador da turbulência dos anos 60 e 70 da Teologia Radical.

Schubert M.Ogden faz a seguinte avaliação da teologia contemporânea:

as mais importantes no cenário teológico contemporâneo. Sejam quais forem os critérios adotados para julgar esta importância — sejam quantitativos ou qualitativos, seja com referência a áreas específicas de interesse (i.e., teologia “histórica”, “sistemática” ou “prática”) ou a pesquisa teológica como um todo, sua contribuição está, sem medo de contradição, entre as mais importantes dos nossos tempos”.

A paixão primária de Bultmann é comunicar a querigma, ou a mensagem cristã, ao mundo do século XX e para levar a efeito esta tarefa dedica-se, negativamente, à demitologização das origens bíblicas; positivamente propõe uma análise existencial da proclamação do Evangelho.

Thomas Ogden explana a relação dos dois aspectos da tarefa de Bultmann.

⁶ Precusores da Teologia Radical doos anos 60 e 70 por Vernon C.Grounds – página 46

⁷“A demitologização é distinguida da análise existencial (*Daseinsanalyse*) sendo que a primeira trata do problema especial de procurar perceber a proclamação do Novo Testamento no contexto do quadro mítico do mundo no século I, e indicar como este quadro do mundo não é necessário ao modo específico de entender a existência expressada ali. A análise existencial da proclamação do Novo Testamento, porém, envolve a tarefa positiva de tomar estes conceitos, linguagem e significados do século I e traduzí-los em termos que são familiares e compreensíveis ao homem moderno e que correspondem à situação real da existência humana.

Na realidade, podemos determinar como regra que ninguém deve supor a qualquer tempo que entendeu corretamente qualquer coisa de Bultmann diz, no que diz respeito ao método ou ao conteúdo de sua teologia, a não ser que conseguiu perceber que é permitida ou requerida por esta dialética básica”.

Por quê é necessária a desmitologização e o novo Testamento deve ser sujeito a uma análise experimental?

Ogden chama a atenção e conclui:

⁸ “Na realidade, podemos determinar como regra que ninguém deve supor a qualquer tempo que entendeu corretamente qualquer coisa de Bultmann diz, no que diz respeito ao método ou ao conteúdo de sua teologia, a não ser que conseguiu perceber que é permitida ou requerida por esta dialética básica”.

A proposta de Bultmann para uma versão desmitologizada e heggeriana do cristianismo embora abranja entendimentos de valor inestimável, tem sido sujeito à crítica crescente, uma das quais da sua interpretação da querigma.

Vernon C. Grounds questiona:

⁹“Quais as razões obrigatórias que convencem um estudioso da estrutura de Bultmann de que Deus, inescrutável e imprevisível Fonte e Sustentador da realidade, agiu de modo redentor num

⁷ Precusores da Teologia Radical do anos 60 e 70 por Vernon C.Grounds – página 47

⁸ Precusores da Teologia Radical do anos 60 e 70 por Vernon C.Grounds – página 47e 48

⁹ Precusores da Teologia Radical do anos 60 e 70 por Vernon C.Grounds – página 49 e 50

Homem cuja historicidade é dúbia e cujo o alegado significado advém a nós através de uma bruma mitológica que somente a erudição sofisticada pode penetrar? Por que aceitar este Homem como o modelo salvífico da autenticidade?”

E Odgen nos lembra, como conseqüência, que uma pergunta sem resposta surge da colisão direta entre a filosofia e a teologia.ou pelo menos, a teologia conforme Bultmann a entende.

¹⁰“Embora o Novo Testamento dificilmente nos forneça uma análise existencial da natureza do homem, proclama um evento de redenção que se dirige ao homem na sua situação ôntica como uma possibilidade nova e real da existência verdadeiramente humana. Visto que entende que a nova filosofia moral do homem é dada num evento, o ato salvífico de Deus, também do homem é de desespero, asseveração esta que a filosofia rejeita. Como pode o Novo Testamento sustentar isto, em contraste com o peso total da tradição filosófica ?”

1.5 - Carl Henry

Carl Henry em seu livro “Fronteiras na Teologia Moderna” retrata o declínio da Era Bultmaniana. . Alguns discípulos seus vieram a usurpar-lhe o trono e encontraram-se a disputar os despojos da conquista. Em outros setores, as forças antibultmanianas lançam desafios cada vez mais vigorosos contra a teologia existencialista. Os críticos europeus que encabeçam essa ofensiva antibultmaniana incluem a escola tradicionalmente conservadora, o movimento denominado Heilsgeschichte (História da Salvação) e a nascente “ Escola Pannenberg.”.

Bultmann como seguidor de Heidegger se dedica à crítica do Novo Testamento, e seu interesse na teologia é o resultado dos seus estudos críticos do Novo Testamento .Seu objetivo é chegar a uma interpretação existência e axistencialista do.N.T. (Mackintosh – 1.937).

¹⁰ Precusores da Teologia Radical doa anos 60 e 70 por Vernon C.Grounds – página 57

Segundo Bultmann é necessário distinguir entre o puramente mítico e o que faz parte de *Kerygma* ou mensagem cristã. Este processo é chamado de demitologização, a mensagem ou *Kerygma* do novo Testamento se destina existencialmente ao homem moderno.

O Novo Testamento é um conglomerado de conceitos e fenômenos inaceitáveis ao homem de hoje.

1.6 – Alan Richardson

Alan Richardson em *The Bible in the age of Science*, fala que o teólogo tem que saber o que ele está fazendo e reconhece que suas preocupações filosóficas são apenas tentativa de hipóteses . Não há uma razão essencial para preferir uma filosofia à outra, filosofias são para serem julgadas na medida que nos ajudam a compreender a palavra de Deus .Barth diz:

¹¹“Se não nos comedirmos reservadamente e finalmente a qualquer filosofia específica, não necessitaremos temer totalmente e finalmente qualquer filosofia .”

Existem muitos tipos de filosofias existencialistas, uma inclinando-se para o ateísmo e outras para o cristianismo, mas todas concordam em afirmar que o contato do homem com , o conhecimento do real, ou a verdade última é através da subjetividade e ou interioridade .

O pensamento científico está capacitado para investigar somente o mundo externo, o mundo das coisas, objetos que podem ser examinados friamente e imparcialmente expostos como através de microscópios e telescópios. A ciência natural deve objetivar e não pode saber nada do conhecimento objetivo.

¹¹ Citação de Karl Barth no livro *The Bible in the age of Science* de Alan Richardson

Segundo os existencialistas há uma outra fonte de conhecimento que é conhecimento existencial (sobre nossa existência) ou ser interior ou nossa real situação. Esta fonte é nosso próprio espírito (subjetividade) ou nosso conhecimento de nós mesmos.

O pensamento de Bultmann tem como fundamental objeção reter-se parcialmente no quadro da teologia liberal protestante do século XIX.

O Jesus de Bultmann não é personagem tanto quanto evento salvífico sobre o qual tudo que é necessário para entender é aquilo que aconteceu.

Na visão de Bultmann a teologia desenvolvida no N.T. é apresentada sob a forma de mitologia gnóstica pré-científica, a única coisa a ser feita para ser aceitável ao entendimento da mente moderna é demitologizá-la, isto é, revelar o verdadeiro desafio existencialista o qual está escondido com o desenrolar do primeiro século.

O homem moderno sabe que as doenças são causadas por bacilos e não por demônios e milagres não acontecem. Não acredita em um mito que um ser divino veio do paraíso, realizou atos sobrenaturais, levantou da cova, e re-ascendeu ao paraíso, e retornará para julgar vivos e mortos. A linguagem do credo dos apóstolos é uma linguagem mitológica; se origina na fantasia mítica da apocalíptica judaica e na redenção mítica do gnosticismo. A teologia deve submeter-se a tarefa de escoimar o querigma do seu quadro mitológico, enfim deve demitologizá-lo. Os conceitos mítico do N.T. são somente maneiras do primeiro século expressar a verdade histórica escatológica que o evento salvífico, aconteceu e que está no seu cerne um desafio para uma decisão existencial.

Segundo Alan Richardson, Bultmann está ansioso para eliminar o advento escândalo da mágica, mito e milagre. O homem /mulher moderno não deve ser importunado com os elementos

mitológicos do Cristianismo. Ajudar o homem moderno a captar o real escândalo em fazer sua decisão concordante. A pregação de Jesus não deve manter-se como um mito para ele.

São Paulo já tem demitologizado a ressurreição por tratá-la como uma realidade existencial do nosso ser presente “a vida de Jesus se manifesta no nosso corpo (II cor.4.10).

O defeito desta teologia é mais aparente, quando nos viramos para questão da história e o querigma bíblico.

1.7 - OS RADICAIS DE MAINZ

Passando os olhos nos elementos ambíguos encontrados na maneira como Bultmann apresenta os vários assuntos, Fuchs observa:

¹²“Onde Bultmann se encontra, em certos momentos, só Deus poderá saber, pois o próprio Bultmann não sabe”

A confusão reinante quanto à posição teológica real de Bultmann cresceu de ponto quando ele deu sua aprovação às conseqüências da teologia de Herbert Braun e de Manfred Mezger os chamados “radicais de Mainz”, os quais preferem o “Cristo da pregação” e não cogitam sequer das discussões relacionadas com a busca do Jesus histórico.

Os referidos teólogos de Mainz (Mezger é dos antigos estudantes de Bultmann; Braun um dos seus amigos) consideram-se ,com ou sem razão, herdeiros da teologia dialética e levam a posição de Bultmann a mais longínquos extremos do que outros de entre seus discípulos. Chegam a levantar hesitações quanto à possibilidade lógica de falar-se de Deus como ser independente e distinto do mundo e do homem. Partindo da encarnação, Mezger conclui que Deus não é

¹² Fronteiras da Teologia Moderna – Carl Henry – página 20

nenhuma realidade excepcional, mas, sim, uma realidade totalmente profana, de modo que todos os fatos e atos de fé deverão submeter-se ao critério das relações pessoais vigentes no mundo. Mezger define Deus como sendo absolutamente incapaz de ser objetivado e utilizado e que isso nos é acessível sempre e tão somente através do próximo. A Revelação Divina para Mezger, é a Palavra que vem ao encontro de forma incondicional, de modo que, a mim, cumpre apenas render-me a lê-la ou rejeitá-la .

Também Braun insiste em afirmar que:

¹³ “A Revelação se nos apresenta tão-somente onde e quando eu me sinto atingido por ela.”

Entretanto, a despeito das referências com que deixara transparecer sua aprovação relativamente aos resultados da teologia relativamente aos resultados da teologia de Braun, Bultmann considera algumas fórmulas enunciadas por seus discípulos de Mainz como sendo passíveis de objeções e mesmo perigosas, pelo menos até onde ensejam dúvidas quanto à realidade de Deus. Bultmann faz distinção entre a realidade e objetividade; ele nega que Deus seja acessível ao conhecimento objetivo, insiste em que a Revelação ocorre tão-somente no ato de tornar-se decisão moral e ressalta que Deus sempre nos está diante quando ocorre alguma revelação.

¹⁴ “Se Mezger e Braun retratam a Revelação como ocorrendo mediante o estabelecimento de relações pessoais e deixam de considerar a realidade e a objetividade de Deus, então eles estão muitos errados” diz Bultmann. “Não é minha intenção diluir a fé na Revelação, como se esta fosse uma experiência só subjetiva. O perigo dos enunciados de Braun consiste em que parece que procede assim embora eu não creia que esta seja sua intenção”

¹³ Citação de Braun no livro Fronteiras na Teologia Moderna de Carl F.H. Henry

¹⁴ Fronteiras na Teologia Moderna de Carl F.H. Henry- página 21

A ironia desta situação é que, esta crítica feita por Butmann contra os “Radicais de Mainz não difere da que Emil Brunner teve ocasião de fazer em relação a alguns dos enunciados do próprio Bultmann. O conceito de Revelação se tem tornado em dispensável objeto de luxo no esquema de Bultmann, observa Brunner fazendo alusão aos conceitos de Bultmann de que seja o transcendente no imanente, o incondicional no condicional, Brunner cita-o:

¹⁵“Tão-somente a idéia de Deus que procure e encontre o incondicionado no condicionado, o extra – mundano no que é deste mundo, o transcendente na realidade presente é que se faz aceitável ao homem moderno” Bultmann é um verdadeiro Orígenes moderno”, diz Brunner, “ um alegorista da Escola de Alexandria. Bultmann tem sido um invariável estudante de Heidegger, que lhe transforma o Novo Testamento, Heidegger é ateu confesso; ele não admite nenhuma revelação não entende nenhuma, não necessita de nenhuma e não deixa margem para a existência de nenhuma. Acha risível que Bultmann esteja a fazer teologia de sua filosofia.”

¹⁵ Citação de, Brunner em Fronteiras na Teologia Moderna de Carl F.H. Henry- página 22

CAPÍTULO III

A CRÍTICA DE KARL JASPER E A RÉPLICA DE RUDOLF BULTMANN

1. Crítica de Karl Jasper

A crítica de Karl Jasper e a replica de Rudolf Bultmann serão apresentadas neste terceiro capítulo. Karl Jasper (Oldenberg, 1883 - Basileia, 1969), filósofo existencialista alemão, adotou uma interpretação teológica e otimista da condição humana em meio ao existencialismo. Autor de *Philosophie (Filosofia, 1932)*, *A Bomba H e o Futuro da Humanidade (1958)* e *Introdução ao Pensamento Filosófico (1965)*.

A crítica de Karl Jasper sobre o processo de demitologização e a teologia existencialista de Bultmann, contém certos parâmetros por ele mesmo limitados, pois afirma que a teologia não é o seu campo e que o seu aprendizado não é desta área, mas que se coloca como um espectador de um jogo de xadrez que está do lado de fora a visualizar algumas jogadas pelo simples fato de não estar ele mesmo jogando. O fato do crescimento e o tamanho da importância dada ao pensamento de Bultmann, no processo de demitologização da religião, provocou-lhe uma inquietação que o levou a comentar, a matéria, mesmo não sendo da sua área o assunto em voga.

Segundo Karl Jasper este método está estruturado em duas premissas: a primeira é a própria concepção de ciência moderna de Bultmann e visão moderna do mundo que no seu entendimento o direciona a negar muito dos preceitos da fé cristã. A segunda, sua concepção de filosofia que o capacita a dar um toque no formato de interpretação existencialista em certos

pontos da fé, com isso Karl concorda. Bultmann acha que tal interpretação vem da filosofia científica. Estas são as premissas que são os pilares nos quais seus argumentos se apóiam. Segundo Karl Jasper os pilares não são suficientemente fortes para agüentar tal peso.

A visão moderna que Bultmann tem, não concebe haver milagres e intervenções de deuses ou demônios no mundo, fala de princípios de métodos científicos, teste e verificações. Karl questiona se o pensamento científico que está corrente hoje em dia e que Bultmann tem em mente, e se esse pensamento é o diferencial característico do homem moderno ? Nisto Karl Jasper não concorda.

Jasper reforça o fato que a ressurreição era tão improvável para os contemporâneos de Jesus, tanto quanto é hoje inadmissível para o homem moderno. Entende que, separar diferenças espirituais de uma época e outra, leva a identificar o mesmo elemento mais a fundo, e isto é o que caracteriza o ser humano. Adiciona o fato que o materialismo e o naturalismo sempre estiveram conosco, e que também segue conosco, a disposição de crer no absurdo em qualquer época onde o ser humano possa viver. Exemplifica este fato com a crença numa felicidade definitiva para todos, numa sociedade sem classes, magicamente advinda de um nascimento através da violência.

Karl Jasper aponta para o absurdo da fé moderna, variando da astrologia para a teosofia; do socialismo nacional, até o bolchevismo, todos sugerem que superstições não tem menos poder sobre a humanidade hoje em dia, do que tinha em outras épocas. Estes elementos são universais e permanentes e não tem nada haver com ciência moderna e elementos permanentes da racionalidade. O absurdo da fé moderna pode se utilizar dos resultados científicos ocasionalmente, sem captar o seu significado ou origem.

Um detalhe crucial reconhecido pela ciência moderna, é que não está apta para ter uma visão total mundial; lhe é impossível ter tal visão. E foi a ciência que nos libertou da visão totalitária do mundo.

Quando fala da ciência moderna, usa várias expressões tradicionais, diz Jasper, quando Bultmann se refere, que o pensamento mítico e científico são meros contrários e adiciona o fato que o pensamento científico é pré-figurado no pensamento operacional. Atinge parte da verdade. Mas erra muito quando diz que o significado da ciência moderna vem da pesquisa grega do *arché* ou o princípio que introduz unidade dentro do todo. Esta questão era e se mantém uma questão filosófica. A ciência não pode questioná-la ou respondê-la metodologicamente. Somente teorias sistemáticas são científicas: são construídas em suposições que são sempre hipotéticas e guiadas por unificar idéias que não podem nunca se apoiar no ser como um todo. Questões são científicas somente quando indicam o ponto inicial para genuína investigação metodológica. Bultmann diz que a unidade do mundo no pensamento científico tem o seu encaixe pela unidade do seu pensamento científico próprio. É completamente falso o oposto sim é verdadeiro.

As premissas de Bultmann, que para Karl Jasper são apenas reflexo do seu pensamento racionalista de qualquer época, a ciência destruiu um grande número de crenças bíblicas, o que fica claro que Bultman não deseja destruir a religião e sim protegê-la. E efetua esta defesa através de uma interpretação existencialista que necessita de uma filosofia científica que no seu entender proporciona o entendimento da existência humana. Bultmann está se baseando em Heidegger no livro *Sein und Zeit* e se entendeu do jeito de Heidegger é um assunto para o filósofo decidir. Karl apreende uma situação peculiar, o livro em si é um pouco complicado. Parte de uma análise fenomenológica objetiva e infere-se numa lista de concepções existencialista também chamada existencial e de umas análises de categorias kantinianas e nos apresenta uma doutrina bem

traçada e coerente como uma estrutura de aço. O todo não é motivado pelo mero desejo de conhecer a realidade como ela é, mas pela experiência fundamental da existência humana, mas não pela fundamental experiência humana da existência, no sentido da experiência mundial válida. Heidegger renuncia a toda fé com uma postura que em sua abertura para o nada, apela para o homem moderno e aborda o ser com maus presságios. Isto qualifica sua construção com vida e gravidade.

Esta filosofia parece a Jasper ambígua. Contém termos existenciais e de fato deriva de Kierkegaard, Lutero e Santo Agostinho e ao mesmo tempo, opera cientificamente fenomenologicamente, objetivamente.

Karl pergunta a Bultmann se a tarefa da filosofia não é somente a de clarificar os modos de nosso conhecimento é fé. Aponta que é nesse terreno que Bultmann tenta estabelecer a fé com a ajuda da sua concepção de mito e sua relação de conhecimento e fé. Esta tarefa se suporta na forma, não no conteúdo das idéias desenvolvidas.

A demitologização, nós é dito, que expõem historicamente uma forma de pensamento obsoleto que se torna falso. O desejo libera religião da forma. Adentramos no domínio da investigação filosófica a qual foi explorada por Platão e chamada de transcendência por Kant e hoje tem vários modos de entendimento entre outros que elucidam os modos do cerne.

Nenhuma experiência pode ser captada, segundo Karl Jasper, no seu momento de plenitude, vital concentração ou dispersão. Nem como um estado num todo. Mantém-se no sítio da atualização (*verwirklichung*), não se conhece como um todo e nem como um objeto. Mas levantamos a questão se o seu conteúdo é atual para nós hoje. Uma questão a qual é respondida não em termos de razão, mas da realidade fornecida nesta experiência imediata. Sem essa resposta existe somente conversa vazia.

Vale destacar que a filosofia procura por vários métodos compreender a mente e seus profundos degraus em todos os ramos de suas potencialidades. Define níveis cognitivos, conhecimento sensorial ao supersenso intuitivo da cabeça de deus (antiguidade e idade média), ou analisa as faculdades da alma humana nominalmente, a faculdade de pensar como apreensão de objetos, a faculdade de desejo, como de execução e a faculdade de sentir consciência de estados psíquicos (Kant), ou elucida os modos do cerne com o qual o distanciamento do sujeito para o objeto toma lugar. Tais modos são existências empíricas num meio ambiente, consciência abstrata com seu mundo de objetos, o espírito com seu mundo da forma e existência com sua transcendência. Quando a filosofia segue um desses passos cobre o ramo todo com a experiência imediata. A unidade do distinto modo do cerne torna-se clara na ação, na contra ação e na sua inseparabilidade e no seu encontro com a consciência abstrata. Como uma totalidade, esta unidade é chamada homem ou razão; ou quando nomeamos aquilo que podemos encontrar na experiência imediata é chamado de Ser, Deus ou o Cerne.

Um detalhe que todas estas explorações filosóficas tem em comum, e que tentam dar forma científica a algo que não pode ser objeto da ciência. Falam de coisas que é do campo da objetividade, mas aquilo não é um objeto. Kant o chama de transcendental.

Karl objeta que Bultmann mantendo-se na tradição retorna à Aristóteles que distingue mito de ciência. Classifica como obsoleto o pensamento mitológico, e que este pensamento foi deixado para trás pela ciência. A fé bíblica não é adquirida pelo estudo, mas sim pela prática da religião. A linguagem da fé não se adquire pela tradução de mitos em um suposto termo desmitologizado e sim pelo conteúdo do próprio mito, lhe dando o significado no nosso próprio tempo.

Jasper se pergunta de que lado Bultmann está? Ele é um liberal ou um ortodoxo?

Ele pareça estar dizendo algo, mas no final não. Parece que está salvando a fé, mas ele não a salva. Isto é crucial, ele afirma uma ortodoxia fria da redenção, ele a subestima, ao mesmo tempo pelo questionamento de sua afirmação. Ele não descobriu uma nova forma para linguagem da fé, mesmo que ele pense que sua interpretação existencialista proporcione um novo método para aquisição da fé verdadeira. Essa idéia não somente é inaceitável na opinião de Jasper, mas imagina também, o pouco valor prático para o pastor.

2 - RÉPLICA DE RUDOLF BULTMANN

Em sua réplica aos comentários de Karl Jasper, Bultmann se diz honrado por Karl ter comentado o seu processo de demitologização, mas após reler a crítica de Jasper, achou difícil comentá-la. Sentiu mais fortemente que a crítica tem muito pouco em comum, com o genuíno espírito de comunicação.

Bultmann diz que Jasper fez com que muitas coisas ficassem impossíveis de responder. Defender-se do criticismo que não é tocado pelo mínimo respiro kantiniano ou pensamento Platônico e que sua concepção de filosofia, é aquela dos acadêmicos do século XIX ou os doxográficos Helenistas e que também confunde genuína iluminação, com iluminação falsa, conclui que deva parecer uma figura ridícula. Também se vê limitado em responder as dúvidas de Jasper sobre qual a utilidade do seu trabalho teológico para um pastor. Pelo que Karl entende da personalidade de Bultmann, não se argumenta sobre o seu obituario.

Karl aponta que as suposições de Bultmann estão apoiadas em dois pilares e Bultmann responde que nem estão apoiadas na ciência moderna de visão mundial e que nem se baseia numa doutrina filosófica.

O propósito da demitologização não é fazer a religião mais aceitável para o homem moderno, enfeitando os textos Bíblicos, mas tornar mais clara ao homem/mulher moderno qual é a fé Cristã. Ambos tem que ser confrontados com o tomar de uma decisão, serem provocados para tomar a decisão, pelo fato que o bloqueio para a fé, o “Escândalo” é peculiarmente um distúrbio para a humanidade em geral, não somente para o homem moderno, (o homem moderno é somente uma das espécies da humanidade). O intuito de Bultmann para demitologizar, começa quando busca clarificar o falso bloqueio para o homem moderno. Esse falso bloqueio foi criado pelo seu entendimento, que é determinado pela ciência.

Este intuito não quer nortear que o homem/mulher moderno deve acreditar nisto ou aquilo. Diz isto entre outras coisas, e, talvez alivie suas dores de consciência e se o faz, não para dizer que as coisas que tem que acreditar são menores do que ele pensava, mas porque lhe mostra que acreditar em todas é qualitativamente diferente que acreditar em uns certos números de proposições. E no esforço de clarear o significado da fé que a demitologização guia o homem /mulher ao tema da decisão, não por uma assimilação intelectual de proposições existenciais na bíblia, por significar uma exegésis existencialista, não por um novo método para aquisição verdadeira da fé, através de interpretações existencialistas.

O posicionamento firme de Bultmann aponta para o real objetivo da demitologização. Trazer a descoberto o tema da decisão e que para o teólogo de hoje a ameaça e o perigo crucial que o teólogo deve lutar, são as esperanças decepcionantes e as expectativas derivadas do

medo, concebidas na futilidade e na confusão. As facilidades da medicina, política, teologia causam ruínas.

O problema em outras palavras é a hermenêutica. O problema de interpretar a Bíblia e os ensinamentos da igreja de tal modo, que os tornam incompreensíveis para o homem/mulher moderno na forma de uma súpula. Mas Bultmann acha que Jasper não captou o problema hermenêutico. Não o reprova por não ter tido uma experiência pessoal na responsabilidade envolvida na interpretação do texto Bíblico. Mas se pergunta se não tem o direito de esperar que Jasper procure entender a tarefa e a responsabilidade que isto envolve?

Jasper está convencido tanto quanto Bultmann, que cadáveres não voltam a vida ou se levantam da cova e que não há demônios e causalidades mágicas. Mas questiona-se com sua capacidade de pastor, como poderia explicar nos sermões e aulas textos que lidam com a ressurreição de Jesus em carne, com demônios ou com causalidades mágicas. E como na sua capacidade teólogo guiaria pastores na tarefa de interpretação. Como Jasper interpretaria romanos 5:12-21 ou 6:1-2 se tivesse que interpretar? A história redentiva no N. T. e contada na forma de mitos(filipenses p.2:6-11 por exemplo) deve ser testada existencialmente e julgada na base da força que emana de sua linguagem e a verdade que surge dela na realidade da vida. Como isto é feito?

A palavra mágica que Jasper dispensa do problema hermenêutico é a codificação (ocasionalmente símbolo).

Os estatutos mitológicos nos textos de acordo com Karl, são codificações e a linguagem mitológica é um uma linguagem de códigos. Bultmann pergunta o que está em código é transcendência, transcendência de Deus? Mito é a linguagem da realidade que não é empírica, mas existencial. Definir o mito como um código meramente transcendente, descreve o problema

de interpretação; mas escassamente o resolve. Todos os mitos têm isto em comum. Referem-se a uma realidade situada além da realidade empírica, independente do ser humano.

É claro que Jasper não ignora a riqueza da diversidade dos códigos, mas nessa diversidade há uma importância de indiferença, todos os mitos são meramente códigos de transcendência? Quando diz que a revelação da verdade é uma série de repentinas iluminações na história da mente, parece que olha para a diversidade dos mitos, como um puro acidente da história concreta. Também afirma que mito é oposto a mito e que isto é a possibilidade da luta pelo que acreditamos ser a verdadeira fé, com os termos do pensamento mítico. Resumindo: Jasper parece não ter captado o problema hermenêutico ou não o levou muito a sério!

Será que Jasper não conseguiu entender que o propósito da demitologização é interpretar a escatologia mitológica do N.T, de tal modo que o processo da revelação é dado no seu genuíno significado de um processo escatológico?

Ele pode ter a concepção de Bultmann como falsa, mas pode um genuíno diálogo se estabelecer quando um dos participantes ignora a intenção do outro?

Bultmann tem a impressão que Jasper pensa que é impossível ter um diálogo genuíno.

Jasper tem Bultmann como ortodoxo, que como um teólogo cristão prega o valor absoluto da fé cristã.

Cristo não é meramente um fenômeno do passado, mas uma sempre presente palavra de Deus. Expressando não uma verdade geral, mas uma mensagem completa que a palavra que destrói, e da sua destruição, dá a vida.

Bultmann se sente satisfeito com o efeito que sua tentativa de demitologização tem tido em Jasper. Além do mais o propósito de demitologização é fazer o empecilho real, mesmo assim

Bultmann duvida se tem sido bem sucedido nisto com Jasper e dúvida que ele tenha entendido corretamente qual é o real empecilho.

Nós devemos dar a religião cristã o mais alto renque, temos que afirmar que o seu imutável lugar de valor, para a cultura humana, significa algo fundamentalmente diferente do absoluto clamor da fé cristã .

CONCLUSÃO

. Devido ao desenfreado processo de busca e retorno as coisas espirituais, provocados pelo esgotamento da racionalidade humana advinda do período iluminista, pastores e teólogos terão em Bultmann um instrumento ideal com a demitologização das Escrituras, para combater os “Elimas mágicos” atualizados de hoje, que por sinal estão bem adiantados no seu ministério. Com a facilidade de implodir um prédio, edificam as suas obras da mesma maneira. Nos meios evangélicos, colocamos um tijolo a cada dia, na reconstrução “Neemíaca”, lutando contra os Sambalate contemporâneos.

A filosofia nos diz que todo homem é imanente e transcendente. Pela alteridade nos reconhecemos diferentes uns dos outros, pois o outro é nosso referencial contrário. A sociologia da religião argumenta e aponta para a diferença entre religião e magia, ou seja, o homem/mulher, delega poderes à algo que subentende maior do que si mesmo. Na magia o ser humano procura dominar os fenômenos naturais e na religião procura agradar os “deuses/a”.

Este instinto primitivo parece-me geneticamente contínuo, pois mesmo hoje em dia em um mundo altamente tecnológico onde um satélite, ou vários, nos inundam de informações; que por serem muitas parecem “legiões”, não conseguimos digerir e reagir em tempo hábil. O homem/mulher permanece à mercê deste fenômeno genético. No caso específico da religião (religare), o uso do processo da demitologização, descortina, ou pelo ao menos procura trazer bem claro o que o texto está dizendo. Se a mensagem era para aquela época; se o texto foi averiguado no seu contexto para

não se tornar pretexto e malversação da palavra nas mãos de pastores mercadejadores da palavra de Deus.

.Posso até citar Jung quando conseguimos identificar as nossas sombras e desmascarar o pseudo inimigo alienadamente chamado de potestades celestiais, as quais de celestiais são muito terrenas e bem perto de nós, estão. Para infelicidade nossa encravadas no clérigo e laicato e extra-ecclesias também.

Transferidos os mecanismos de opressão e domínio e manipulação não só das massas, como também infelizmente, vemos que não é só nas classes desprovidas de humanidade, como os de posses e riquezas, a bestialidade nos é presente nos meandros da nossa sociedade contemporânea globalizada e excludente. Polêmico e up-to-date. Bultmann contem uma visão escatológica de uma sociedade demitologizada e livre do imperialismo ortodoxo conservador, tanto católico quanto protestante, que acumula riquezas e ceifa vidas e espiritualidade. Este infeliz conceito dicotômico de corpo e alma serviu e serve até hoje como um instrumento mistificador e contendo um forte apelo ideológico, ocupa espaço desnecessário e impede o entendimento das pessoas, pois sofrendo aqui seras justificados lá, pois lá não há corpo e sim espírito. Afirmação esta que não encontra respaldo nos evangelhos e nem no neoplatonismo, mas serve à heteronomia não extinta, na ideologia televisiva que qualquer sociedade globalizada, hoje em dia está se encurvando sem saber,(ou até mesmo cônica dela) é tão vítima quanto algoz.

Segundo a introdução repito:

“AJUDAR O POVO E A PASTORES A COMPREENDER QUAL O REAL SENTIDO QUE A PALAVRA ESCRITA E O CORPO CENTRAL DAS SAGRADAS ESCRITURAS NOS DIZEM E ENSINAM É FUNDAMENTAL. CONFIRMAR O DINAMISMO E A TRANSCENDÊNCIA DO EVANGELHO. PROCURAR TER NO PROCESSO DE DEMITOLOGIZAÇÃO UM ESCUDO CONTRA A MÁ FÉ DOS VENDILHÕES E MERCADEJADORES DA PALAVRA DE DEUS”.

Espero que o processo de demitologização seja um embrião muito fértil para libertar, ou pelo menos avisar as ovelhas, quem e onde estão os lobos e qual o joio e qual o trigo. Penso que é meu dever levar até o povo o que significa o processo de demitologização e não deixá-lo isolado e esquecido na esfera acadêmica. Demitologizar o que a própria Igreja criou, pois a visão mitológica era típica da Igreja primitiva.

É até compreensível tal postura conservadora da Igreja em temer uma abertura conforme aconteceu no Concílio Vaticano II. Por pressentir e ter que correr risco de uma possível perda de fé dos fiéis em assuntos que entende seria de difícil aceitação por parte dos mesmos tem agora a necessidade de resgatar o real sentido da mensagem e trazê-la para nossos dias. Usar a demitologização, contra estes que estão aí, a desviar o povo para seu interesse próprio, é prioridade máxima.

Com o processo de demitologização, o avanço que teremos no esclarecimento das crendices do povo em lendas e mistificações que na verdade, só encobrem uma manipulação dos clérigos sobre os leigos, em prol de um pseudocontrole do povo, realçaremos o personagem do mito da caverna de Platão, que sai e vem a luz para o mundo real e não de sombras opressoras.

É uma expectativa pessoal, que com a demitologização, sejam banidos os pastores que se utilizam dos mitos inadequadamente, e só se valem da ignorância do povo para seu próprio benefício financeiro.

A atualização da Bíblia, para os dias de hoje é uma necessidade urgente, para uma ampla e mais abrangente compreensão do que está narrado nas Escrituras Sagradas. Deturpações de um modo geral, originam-se devido a esta não atualização de códigos lingüísticos, pertencentes há uma época passada com pelo menos dois mil e quinhentos anos atrás.

Uma das coisas que me chegam a memória com certo incômodo é a postura e entendimento dos acadêmicos (e não só deles, mas de todo ambiente secular). Existe uma concordância em tudo, em deixar tudo como está, é mais fácil, lidar, pastorear e administrar no caos que vivemos atualmente. Uma falta total de ética, ou melhor, uma flexibilidade exagerada, (isto usando de um sofisma imperativo na nossa vivência globalizada) e uma parcialidade de interesses que sofisticamente já sofreram uma metástase ao meu ver, irreversível.

Quando procuras as escrituras e me adentro em seu meio, não encontro um mundo muito diferente do nosso; a não ser a imensa diferença provocada pela presença de Cristo naquela época, não desmerecendo o Espírito Santo que com certeza não dormita e age freqüentemente em nossas vidas (**ALELUIA!**). Mas com o fardo que só o Cristo podia e pode carregar, pois “seu julgo é manso e seu fardo é leve” Aliviar de nossas costas tarefa tão estafante como cuidar do seu rebanho. Temos uma seara imensa e cheia de joios e tropeços que humanamente não nos é possível realizar sem uma benção. “Sê tu forte”.

¹⁶ “ RELIGIÃO É NOSTALGIA DO SER HUMANO PARA ALÉM DO MUNDO, É DESCOBRIMENTO DE UMA ESPERA ACIMA DO MUNDO, EM QUE A ALMA SOLTANDO-SE DO QUE É MUNDANO PODE SE DEMORAR”

BIBLIOGRAFIA

1. BULTMANN, Rodolf. - *Milagre*, Tradução Daniel Costa, Novo Século São Paulo,2003
- *Jesus Cristo e Mitologia*, Tradução Daniel Costa, Novo Século São Paulo,2003
- *Demitologização Coletânea de Ensaios* Tradução Walter Altmann e Luís Marcos Sander, Editora Sinodal, São Leopoldo,1999
2. DURAND, Gilbert. *A Fé do Sapateiro*. Trad. Sérgio Bath. Editora Universidade de Brasília. Brasília, DF. 1995. 233pp.
3. GUNDRY,Stanley. *Teologia Contemporânea*, Editora Mundo Cristão , São Paulo
4. HENRY, Carl F. H. *Fronteiras na Moderna Teologia*. JUERP. Rio de Janeiro, RJ. 1975.
5. HORDERN, William.*Teologia Protestante ao alcance de Todos*. Tradução de Roque Monteiro de Andrade , Edição da Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira Rio de Janeiro , 1974
6. JASPERS,Karl B.. *Myth and Religion*Mackintosh,Hugo R.*Teologia Moderna de Schleiermacher a Bultmann*,Novo Século, São Paulo, 2004-12-16

¹⁶ Bultmann do livro Demitologização Coletânea de Ensaios – página 18

7. . LADD, George E. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto. 2a. edição. JUERP. Rio de Janeiro, RJ. 1993. 584pp.
8. MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*, Edições Paulinas, São Paulo, 1976-1980
9. RAMM, Bernard. *Diccionario de Teologia Contemporanea*. Trad. Roger Velásquez Valle. Casa Bautista de Publicaciones. El Paso, TX. 1990. 143
10. RICHARDSON, Alan . *The Bible in the Age of Science* SCM Press LTD , Bloomsbry Street London, 1961
11. RIDDERBOS, Herman. *Bultmann* Recife , 1956
12. <http://geocities.yahoo.com.br/momentoscomjesuscifras/textos/teologos.htm>
13. <http://www.metodista.br/cientificas/correlatio>

